

TERRY GOODKIND

A PEDRA DAS LÁGRIMAS

Parte II

Traduzido por
Ângelo dos Santos Pereira

Capítulo 1

O glutão continuava a aproximar-se. Richard esticou a corda do arco, esperando que ele levantasse a cabeça. Nesse preciso instante, um grunhido surdo ecoou atrás do seu ombro esquerdo.

– Silêncio! – sussurrou o *seeker*.

O gar calou-se e o glutão esticou finalmente o pescoço. De imediato, a flecha abandonou o arco e rasgou o ar.

O pequeno gar preparou-se para saltar.

– Espera! – murmurou-lhe Richard.

A criatura obedeceu e deixou-se ficar onde estava.

Assim que o projétil atingiu o alvo, o gar guinchou de alegria e, desdobrando as asas, ergueu-se ao nível do nariz do *seeker*, fitando-o.

– Pronto, já podes ir, mas traz-me a flecha!

Depois de ter agitado vigorosamente a cabeça em sinal de concordância, o gar voou em direção ao festim. Sob a ténue luz da aurora, Richard viu-o lançar-se sobre o animal morto como se este ainda pudesse tentar escapar-lhe.

Pôs-se então a contemplar as nuvens, que começavam a adquirir um tom rosado. Verna não tardaria a acordar. Embora a Irmã considerasse inútil montar guarda durante a noite, não conseguira demovê-lo e fora obrigada a ceder. Claro que ficara irritada, mas também não havia nada que não a enervasse. Estava com um humor de cão desde que tinham atravessado o vale e quase não abrira a boca.

Richard deu uma vista de olhos ao pequeno gar para se certificar de que continuava a comer. Como é que teria conseguido segui-lo através do Vale dos Perdidos? Era um verdadeiro mistério... Antes da travessia, já

achava que era um erro alimentá-lo, mas sentia-se estranhamente responsável por aquele ser. Por isso, decidira caçar-lhe um animal todas as noites para que o gar se pudesse alimentar. Ao entrar no Velho Mundo julgara que não tornaria a vê-lo, mas enganara-se redondamente.

Durante as suas horas de vigiância, o pequeno gar não o largava: comia ao seu lado, brincava com ele e dormia aos seus pés, quando não em cima deles. Assim que Richard se ia deitar, o monstro desaparecia e não mais se fazia notar até à noite. Era como se soubesse instintivamente que a Irmã tentaria matá-lo se o visse e que devia manter-se afastado dela.

A inteligência daquela pequena criatura peluda não deixava de surpreender Richard. Aprendia mais depressa do que qualquer animal que tivesse conhecido. Kahlan já lhe dissera que os gars de cauda curta eram muito inteligentes, e realmente era verdade: bastava explicar-lhe uma ou duas vezes para que o gar assimilasse a informação. Estava até a tentar compreender palavras e a esforçar-se por as reproduzir. Mesmo que parecesse não possuir a capacidade da fala, alguns dos sons que emitia poderiam ser facilmente confundidos com sons humanos.

Richard não sabia o que mais fazer. Pensara que a seu tempo o gar aprenderia a caçar e que acabaria por seguir o seu caminho, mas o certo é que o animal não o largava. Seguia-o discretamente para onde quer que fossem, mesmo quando havia perigo. Talvez ainda fosse demasiado novo para se desvencilhar sozinho e visse em Richard um protetor ou uma mãe substituta...

No fundo, não queria que o gar desaparecesse. Durante a viagem pela Região Selvagem tornara-se um amigo, oferecendo-lhe amor incondicional sem nunca o criticar ou contradizer.

Um batimento de asas devolveu-o à realidade. O gar aterrou pesadamente à sua frente. Ganhara muito peso desde o primeiro encontro e crescera uns bons vinte e cinco centímetros. Os tendões, sob a pele rosada do peito, pareciam mais sólidos e os seus braços já nada tinham de esqueléticos.

O rápido crescimento do gar e o facto de ele ainda não ser autónomo preocupava Richard. Se tivesse de continuar a caçar para o alimentar, muito em breve não faria outra coisa durante todo o dia.

Depois de limpar a flecha na pelagem, o gar dirigiu a Richard um sorriso – mais hediondo do que o normal por causa dos bocados de carne presos entre os dentes – e estendeu-lha.

– Não vou voltar a usá-la. Guarda-a no sítio dela.

O gar esticou o braço, introduziu a flecha na aljava que estava encostada a um cepo e fez um esgar cómico, como que perguntando como se saíra.

– Estiveste muito bem – congratulou-o Richard, dando-lhe umas palmadinhas na barriga.

Feliz, o gar deixou-se cair aos seus pés e pôs-se a lamber as garras e o pelo. Quando acabou, pousou os compridos braços nos joelhos de Richard, que se sentara, e apoiou a cabeça em cima deles.

– Precisas de um nome. – O animal ergueu os olhos. – Um nome! O meu nome é Richard – anunciou, dando palmadas no próprio peito. O gar levantou um braço e martelou as costelas do *seeker* com a ponta de um dedo.

– Raaa...

– Estás quase lá. Richard!

– Raaa gurrr...

– Richard.

– Raaach aaarg.

– Não está mau de todo! E como é que te vou chamar?

Richard tentou pensar num nome adequado. O gar sentou-se e franziu o sobrolho enquanto fitava o seu protetor. De súbito, agarrou-lhe a mão e encostou-a ao próprio peito.

– Grrratch.

– Gratch? – O *seeker* endireitou-se, muito surpreendido. Nunca lhe ocorrera que aquela criatura já tivesse nome. – Chamas-te Gratch?

– Grrratch! – repetiu o gar, batendo no peito.

Richard desatou a rir. Entusiasmado, o gar saltou-lhe para cima, atirou-o ao chão e, emitindo um riso gutural, começou a lutar gentilmente com ele. Na sua lista de prazeres, aquele jogo só era superado pela sua paixão pela comida.

Gratch deixou-se rapidamente dominar pelo vigor da sua juventude e prendeu o braço do seu oponente na boca. Felizmente nunca mordeu Richard, pois os seus dentes eram suficientemente compridos e afiados para atravessarem o *seeker* de um lado ao outro.

Richard deu por concluída a brincadeira ao sentar-se no cepo. Gratch rodeou-o com os braços, as pernas e as asas, e encolheu-se contra ele. Sabia que estava quase na hora de se separarem.

Avistando um coelho no meio do mato, Richard achou que Verna talvez apreciase um pouco de carne ao pequeno-almoço.

– Gratch, preciso de um coelho.

O gar saltou-lhe do regaço e foi buscar a presa assim que o *seeker* a abateu.

Depois de preparar o coelho e de dar as entranhas e a pele a Gratch, Richard despediu-se do gar e voltou para o acampamento. Enquanto caminhava, recordou-se da visão que tivera na torre. A ideia de que Kahlan pudesse ser decapitada aterrorizava-o. E qual seria exatamente o significado das suas palavras? Recordava-se exatamente quais eram: «De todos os que nasceram da magia para fazer a Verdade emergir, só um sobreviverá quando a ameaça das trevas se dissipar. Então surgirá a pior das sombras: a do reino dos mortos. Para que a vida tenha uma esperança, a mulher de branco deverá ser oferecida ao seu povo a fim de lhes proporcionar alegria e prosperidade.» Não fora difícil adivinhar a identidade da «mulher de branco» ou compreender a frase «a fim de lhes proporcionar alegria e prosperidade». Mas e o resto?

Lembrou-se também da profecia que Verna lhe contara: «Ele é um portador de morte e denominou-se a si mesmo como tal.» Segundo a Irmã, o objeto da profecia era capaz de ressuscitar os mortos e de trazer o passado para o presente. O que significaria aquilo?

Assim que chegou ao acampamento encontrou Verna, de cócoras junto à fogueira, a preparar um bannock. Aproximou-se, espetou o coelho num pau e colocou-o sobre as chamas.

– Trouxe-te isto para o pequeno-almoço. Achei que te agradaria alguma carne.

Verna limitou-se a responder com um grunhido.

– Continuas chateada por te ter salvado a vida?

– Não estou chateada por isso.

– Não afirmas que o Criador odeia mentiras? Achas que Ele acredita nisso? É que eu não.

– Não blasfemes! – rugiu Verna, vermelha de cólera.

– Ah! E mentir já não é uma blasfémia?

– Richard, não fazes a menor ideia do porquê de eu estar irritada.

O jovem sentou-se no chão e cruzou as pernas.

– Eu não teria assim tanta certeza... Era suposto protegeres-me e não

o contrário. Talvez sintas que falhaste, embora eu não ache. Fizemos o que foi preciso para sobreviver.

– Fizemos o que foi preciso? – A Irmã franziu o sobrolho. – Se bem me recordo, quando a Bonnie, a Geraldine e o Jessup levam as pessoas para o outro lado do rio envenenado, algumas delas morrem.

– Estou a ver que leste mesmo *As Aventuras de Bonnie Day!*

– Já te disse que sim! Richard, foi uma insensatez! Poderíamos ter morrido!

– Não tínhamos alternativa.

– Existe sempre uma opção: é precisamente o que tenho tentado ensinar-te. Os feiticeiros que criaram o Vale dos Perdidos também pensavam que não tinham outras alternativas e a única coisa que conseguiram foi piorar a situação! Usaste o teu *han* sem medires as consequências.

– Que mais poderia ter feito?

– Creio que existam outras saídas que não ponderaste... Por sorte, o facto de teres usado a magia não te matou, mas nem sempre será assim.

– Do que é que estás a falar ao certo?

Verna esticou o braço, pegou num alforge e tirou do interior uma bolsa de pano verde.

– Caiu-te uma gota de sangue daquele monstro no braço... Foste picado por algum inseto?

– Sim. Nas pernas. Várias vezes.

– Deixa-me ver.

Richard subiu as calças e mostrou-lhe as marcas avermelhadas. A Irmã sacudiu a cabeça e, sussurrando consigo mesma, tirou dois pequenos frascos da bolsa.

Em seguida apanhou um raminho do chão, mergulhou-o na pasta branca de um dos frascos e espalhou-a pela lâmina de uma faca. Atirou então o raminho para a fogueira, apanhou outro, introduziu-o no segundo frasco e misturou uma pasta escura com a pasta branca espalhada na faca.

Quando atirou o segundo raminho para a fogueira, uma bola de fogo disparou em direção ao céu e dissipou-se por entre uma densa nuvem de fumo negro.

– Luz e trevas, terra e céu – enunciou Verna, mostrando ao *seeker* a lâmina agora coberta com a mistura acinzentada. – Isto é magia para curar o que, sem ela, te mataria antes do final do dia. Tens um talento especial

para te meteres em problemas, Richard. A cada passo que dás agravas a situação... Aproxima-te!

Richard obedeceu a contragosto.

– Andaste até agora a tentar decidir se devias ou não ajudar-me?

– Que parvoíce! Claro que não... Esta mistura contém uma magia poderosa concebida para eliminar o veneno que aqueles insetos te inocularam. Estive à espera do momento certo: caso contrário, morrerias ou da doença ou da cura.

– Obrigado por me ajudares... – acabou Richard por reconhecer após um breve silêncio, arrancando a Verna um olhar de surpresa. – No que é que falhei?

– Foste imprudente. A magia não é só perigosa para os outros, mas também para aqueles que a utilizam.

Richard esboçou uma expressão de dor quando a Irmã lhe fez uma incisão em cruz por cima da primeira picada.

– De que forma é que a magia pode ser perigosa para mim? – perguntou, vendo Verna passar à segunda picada e esforçando-se por não reagir. Apesar de superficiais, os cortes provocavam-lhe dores terríveis.

– É como acender uma fogueira numa floresta de árvores secas. Ficamos no meio de um incêndio que nós próprios provocámos... Agiste sem pensar e correste riscos insensatos.

– Estava apenas a tentar sobreviver.

– E olha o resultado! Se eu não estivesse aqui para tratar de ti, as picadas matar-te-iam. – Após terminar o tratamento das pernas, passou para os braços. – Quando aqueles monstros nos atacaram pensaste estar a proteger-nos, mas tudo o que fizeste serviu apenas para aumentar o perigo.

Assim que acabou, passou a lâmina por cima das chamas. Uma fina língua de fogo branco brotou com fúria de aço e consumiu os restos da mistura.

– Se eu não tivesse agido, agora estaríamos os dois mortos – argumentou Richard.

– Não afirmei que fizeste mal em agir! – exclamou Verna, apontando-lhe a faca quente. – O que eu disse foi que não agiste da forma correta! Usaste o tipo de magia errado, se preferires.

– Usei a única magia que possuo – insurgiu-se Richard. – A da espada.

Com um movimento ágil do pulso, Verna atirou a faca, que se cravou num tronco.

– É perigoso intervir sem conhecer as consequências da magia utilizada!

– Pois, mas como tu não fazias nada...

Verna fulminou-o com o olhar antes de abrir a bolsa verde para guardar os frascos.

– Desculpa, Irmã. Falei sem pensar... O que realmente queria dizer era que não conseguias sentir o caminho e sabia que, se ali ficássemos, seria o nosso fim.

Os frascos entrecrocaram quando Verna tentou introduzi-los no interior da bolsa. Era como se não conseguisse pô-los onde pretendia.

– Richard, achas que te convidámos a ficar connosco apenas para aprenderes a controlar o teu dom? Fica a saber que essa é a parte fácil! O mais difícil é intuir que tipo de magia usar, com que intensidade e em que momento, e sobretudo quais as consequências desse uso, à semelhança do que fiz com a magia utilizada nas tuas picadas. – Verna fitou-o com uma seriedade que o fez estremecer. – Sem esses conhecimentos és como um cego a agitar um machado no meio de um grupo de crianças... Não fazes ideia de como a magia é perigosa! Por isso é que as Irmãs da Luz tentam transmitir aos detentores do dom um pouco de sabedoria e de bom senso antes de aprofundarem os seus conhecimentos.

– Nunca tinha encarado as coisas sob essa perspetiva – retorquiu o jovem, enquanto arrancava uma erva do chão.

– Se estou irritada, é comigo e não contigo! Fui demasiado orgulhosa para admitir que poderia cair numa armadilha. Obrigada por me teres salvado, Richard.

– Senti um alívio enorme quando te encontrei... – admitiu o *seeker*, brincando com a erva. – Pensei que tinhas morrido. Ainda bem que me enganei.

– Poderia ter ficado eternamente perdida naquele feitiço.

Perturbada com as dificuldades que estava a ter na arrumação das suas poções, Verna retirou todos os frascos da bolsa e pousou-os no chão.

– Como assim? – inquiriu o *seeker*, olhando para aquela balbúrdia, convencido de que estava perante mais frascos do que aqueles que poderiam caber na bolsa.

– Já tentámos resgatar Irmãs que ficaram presas no vale... Eu própria avistei uma Irmã aquando da minha primeira travessia, como te contei, mas não fui caso único... No entanto, nunca nenhuma de nós conseguiu ser bem-sucedida. Houve até quem morresse a tentar. – Recomeçou a guardar os frascos. – Usaste magia.

– Sim. A da espada, como já te expliquei.

– Lamento, mas não foi a magia da espada. Serviste-te do teu han sem te aperceberes. Invocar o han para satisfazer um desejo e usá-lo de forma inconsciente é a coisa mais perigosa que existe. Quando me chamaste, eu ouvi-te. As Irmãs perdidas nunca conseguiram escutar-nos.

– Porque vocês ignoravam como proceder. Inicialmente, também não conseguias ouvir-me. Então atravessei uma espécie de parede brilhante que te rodeava e captei a tua atenção. Creio que o truque consiste em atravessar primeiro a parede.

– Nós sabemos, Richard – suspirou Verna, ainda atarefada com os frascos. – Experimentámos todo o tipo de magia, mas nunca fomos capazes de transpor as paredes. Fui a primeira a escapar a um daqueles feitiços. – Introduziu finalmente o último frasco na bolsa e fitou o *seeker*. – Mais uma vez, obrigada.

– Bem, era o mínimo que eu podia fazer para te compensar.

– Para me compensares de quê?

– Hum... Antes de te salvar, digamos que te matei.

– Não estou a perceber.

– Torturaste-me com o rada'han.

– Desculpa, Richard. Como me encontrava sob a influência do feitiço, não tinha consciência dos meus atos. Não era minha intenção magoar-te.

– Não, não me refiro a isso. Foi antes. Na torre branca.

– Entraste numa das torres? – exclamou a Irmã. – Enlouqueceste de vez? Avisei-te acerca delas! Porque és tão...

– Não tive alternativa.

– Também já falámos sobre isso!

– Os raios tomaram-me por alvo – explicou Richard – e, para me proteger, fui obrigado a atirar-me lá para dentro.

– És assim tão incapaz de seguir a mais pequena indicação? Tens sempre de te comportar como uma criança?

– Foram exatamente essas as tuas palavras quando me apareceste na

torre – comentou o jovem, subitamente desconfiado. – Convenci-me de que eras tu. Estavas furiosa comigo, tal como agora. – Cerrou os dentes e apontou para o rada'han. – Serviste-te desta porcaria para me projetares contra o muro e para me imobilizares. Esta coleira permite concretizar esse tipo de agressões?

– Sim. – Bastante mais calma, Verna sentou-se. – As Irmãs da Luz não possuem o poder de um feiticeiro, o han masculino. Por isso, usamos o rada'han para aumentarmos o nosso poder e sermos mais fortes do que os detentores do dom. Com o objetivo de os ensinarmos, obviamente.

– A seguir usaste-o para me provocar dor. Era uma dor muito real, semelhante à que me causaste quando estavas presa no feitiço, mas muito mais intensa e imparável. O rada'han também pode fazer isso?

Verna arrancou algumas ervas do chão e pôs-se a limpar as mãos com elas, evitando o olhar do jovem.

– Sim – acabou por admitir. – Mas foram apenas ilusões, Richard.

– Pedi-te para parares, mas, como tu não me deste ouvidos, invoquei a magia da espada e quebrei o vínculo de poder que me imobilizava. Então enfureceste-te ainda mais e avisaste-me que eu acabara de cometer o meu último erro. Ias matar-me, Irmã...

– Lamento que tenhas sido obrigado a passar por isso. E... hum... o que aconteceu a seguir?

Richard inclinou-se para a frente e tocou com o indicador no ombro de Verna.

– Cortei-te em duas. Exatamente a este nível.

A Irmã ficou petrificada e empalideceu. Demorou um breve momento a recuperar a compostura.

– Não queria fazê-lo – desculpou-se Richard, arrancando um punhado de ervas do chão –, mas estava mesmo convencido de que ias matar-me.

– Foi mera ilusão. Se fosse real, as coisas não se teriam passado dessa maneira. Não terias podido matar-me.

– Estás a tentar convencer-me a mim ou a ti própria?

– Nada do que viste foi real. Esta discussão terminou.

Richard decidiu não insistir e virou o coelho para que assasse do outro lado. Depois afastou a bandeja de ferro das chamas para que o bannock arrefecesse.

– Quando te voltei a ver não sabia se eras uma ilusão, e desejei com

todas as minhas forças que fosses mesmo tu. Não queria matar-te. Para além do mais, prometi-te que te ajudaria a atravessar o Vale dos Perdidos.

– É verdade. Palavras pouco sensatas, apesar de bem-intencionadas...

– Irmã, limitei-me a fazer o que achava ser preciso para sobreviver. E para te salvar.

– Richard, sei que dás sempre o máximo, mas tens de perceber que aquilo que consideras ser o melhor pode não o ser. Invocaste o teu han sem teres consciência disso... Estás a correr riscos que podem conduzir a um verdadeiro desastre!

– Como é que tal foi possível?

– Quando um feiticeiro faz uma promessa, o seu han esforça-se por cumpri-la. Prometeste que me ajudarias a atravessar o vale: a tua necessidade de a observar transformou a promessa numa profecia.

– Eu não sou um profeta! – protestou o *seeker*, franzindo o sobrolho.

– E mais: ao invocares inconscientemente o teu han, serviste-te da profecia para agires no passado de forma a torná-la verdadeira no futuro.

– Do que é que estás a falar?

– De teres destruído os freios dos cavalos.

– Porque eram instrumentos de tortura, conforme te expliquei.

Verna sacudiu a cabeça.

– É precisamente aí que quero chegar: achas que o fizeste por essa razão, mas, na verdade, a tua mente procurou racionalizar as ações do teu han: ao galoparmos pelo vale tentei obrigar o meu cavalo a parar, mas sem os freios foi-me impossível.

– E então?

– O facto de teres destruído os freios no passado permitiu-te cumprir a tua promessa no futuro. É assim que as profecias funcionam: a forma como ages no presente tem repercussões não só no futuro, mas também no passado.

– Isso é demasiado absurdo. De certeza que nem tu acreditas...

– Sei como o dom funciona, Richard.

O jovem refletiu por um instante e acabou por concluir que se tratava de um conjunto de disparates, mas decidiu que não queria continuar a discutir com a Irmã acerca daquele assunto. Tinha outras perguntas a colocar-lhe.

– Esse livro que trazes à cintura já está cheio? Reparei que não voltaste a escrever nele.